

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
LICENCIATURA

INGRID YANNA ALVES

**OS PARADIGMAS E AS DIFICULDADES DO ENSINO  
DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

RECIFE/2022

INGRID YANNA ALVES

**OS PARADIGMAS E AS DIFICULDADES DO ENSINO  
DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito final para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Professor Orientador: Dr. Edilson Laurentino dos Santos

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S586s Silva, Gabriele Alícia Sousa Barbosa da  
Serviço social e o transtorno do espectro autista: o assistente social como mediador da inclusão social da pessoa com transtorno do espectro autista / Gabriele Alícia Sousa Barbosa da Silva, Saadya Liesten da Silva Alves, Thainara Fernanda Coelho da Silva. - Recife: O Autor, 2021.  
17 p.

Orientador(a): Ma. Maricelly Costa Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Serviço Social, 2021.

Inclui Referências.

1. Serviço Social. 2. inclusão. 3. Transtorno do espectro autista. 4. Direito da pessoa com deficiência. I. Alves, Saadya Liesten da Silva. II. Silva, Thainara Fernanda Coelho da. III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 364

*Dedico este trabalho aos meus familiares que acreditaram e me apoiaram ate esta data, me ajudando a levantar, me incentivando e me acolhendo sempre quando eu mais precisei.*

*“Passar por problemas, lutas e dores, faz  
parte da caminhada, mas é você quem  
decide se vai vence-los ou deixa-los vencer  
você .”*

*(Augusto Cury)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	11
2.1 A prática corporal de aventura .....	11
<b>3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO</b> .....	12
<b>4 RESULTADOS</b> .....	13
4.1 Possibilidades e dificuldades das PCAs .....	14
4.2 Análises das intervenções .....	15
4.3 Análises dos planos de ensino .....	16
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	16
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	17

## OS PARADIGMAS E AS DIFICULDADES DO ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ingrid Yanna Alves

Edilson Laurentino dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** As práticas corporais de aventura tem um grande potencial educativo, nós mostra o lado lúdico junto ao educacional, onde podemos aprimorar nossas emoções, encarar nossos medos e mudar nosso cotidiano. Nesse conteúdo observa-se algumas dificuldades, como por exemplo: os materiais que são utilizados nas aulas, há uma escassez de recursos para investimento nessa modalidade dificultando o ensino do professor e entre outros empecilhos. Podemos analisar também que tais práticas já eram reproduzidas desde dos primórdios, mostrando que para todas as coisas utilizamos as práticas corporais. A problemática aqui estudada é a solução das dificuldades no ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar, tendo como objetivo geral identificar quais são essas dificuldades no ensino das práticas corporais de aventura na Educação Física escolar. As buscas foram realizadas nas bases de dados eletrônicos SCIELO, acessadas através do site de busca Google Acadêmico, tendo um caráter exploratório e descritivo com base nos dados dos artigos científicos, foi utilizado um recorte temporal para a melhor realização das leituras exploratórias e seletivas utilizadas no registro das informações coletadas. Os resultados coletados mostraram a escassez do ensino das práticas corporais de aventura na escola, a falta de equipamentos adequados e o comprometimento do professor.

**Palavras-chave:** Ensino. Práticas corporais de aventura. Educação Física escolar.

### 1 INTRODUÇÃO

Começamos falando sobre uma das muitas dificuldades encontradas dentro do tema abordado, de acordo com Inácio e colaboradores (2015) os professores não conseguem trabalhar a prática corporal de aventura nas aulas por que não possuem equipamentos adequados e que tragam segurança. Podemos destacar que dentre essas dificuldades o risco torna-se o maior de todos, mas o risco pode ser controlado durante as práticas junto as adaptações do meio escolar, porem alguns professores poderão observar algum empecilho para a realização das aulas,

---

<sup>1</sup> Professor(a) da UNIBRA. Dr.º Edilson Laurentino dos Santos. edilson.santos@grupounibra.com.

tornando-se assim, mais uma dificuldade, outra também são os modelos pedagógicos das práticas corporais de aventura no ensino médio que são os mesmos ensinados no ensino fundamental, fazendo com que os alunos percam o interesse nas aulas (BETTI E ZULIANI, 2002).

As Atividades de Aventura possuem um bom caráter motivador que favorece as emoções tanto em seu significado quanto na sua intenção, onde podem ser vivenciadas através de simulações e adaptações, pois apresentam um grande potencial educativo (SCHWARTZ E MARINHO, 2005). Tais atividades, estão voltadas as práticas ao ar livre, que são absolvidas tanto no contato com a natureza como também com o meio urbano, trazendo mais diversidade nas aulas, quebrando o paradigma de que as aulas de Educação Física só são praticadas em um único ambiente, referindo-se a sala de aula (FRANCO, 2008).

As PCA são diferenciadas de acordo com o ambiente onde são realizadas, podem ser realizadas na natureza onde caracteriza-se pelas incertezas que o ambiente cria, gerando a vertigem e o risco controlado e na área urbana onde também terá a vertigem e o risco controlado (INÁCIO et al., 2016). Já Freitas et al. (2016, p.6) relata que as PCA não são só realizadas no meio natural e urbano não, elas também são realizadas em ambientes artificiais, ou seja, aqueles que são adaptados, tendo como principal característica o risco controlado, pois essas atividades se manifestam e valem das energias dos elementos da natureza (PAIXÃO, 2017).

Para conceituar sobre as práticas corporais de aventura, diga-se que não é só um meio de fugir da aulas no ambiente urbano, mas, sim, de se conectar com a natureza estabelecendo uma relação com a mesma, tendo a lógica mercadológica e tecnicista da vida, ou seja, possuindo estratégias de ensino e não desvalorizando o ensino do professor (INÁCIO E COLABORADORES, 2016), fazendo parte da cultura, sendo a maneira do homem movimentar-se e expressar-se através do corpo e dos gestos (CARVALHO, 2010).

Tendo como elemento principal, o risco, observa-se sobre outras expressões, como por exemplo: o termo "radical" é citado para expressar o sentimento que vem atrelado a prática esportiva de risco, vemos também a palavra "ação" que da sentido a manifestação de força e energia ao realizar os gestos técnicos, o movimento e a

atitude também realizado, enraizando assim o elemento principal citado (PEREIRA E ARMBRUST, 2017).

Segundo Franco, Cavasini e Darido (2014) as práticas corporais de aventura são classificadas de acordo com o ambiente onde será praticado, podendo ser no ar, na água ou na terra. O termo então utilizado é “Práticas Corporais de Aventura” (PCA), pois, na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), essa nomenclatura está descrita dessa forma, mas, podendo ser encontrada com diversos outros nomes sendo de acordo com cada autor.

Severno, Pereira e Santos (2016) nos mostra que para Pereira e Armbrust (2010) eles utilizam a nomenclatura “Esportes Radicais”, de “Aventura” e de “Ação”; Tubino (2002) e Dias (2008) utilizam a nomenclatura “Esportes na Natureza”; “Atividades Físicas de Aventura na Natureza” expressão criada por Betrán (2003), apresentada no Brasil por Schwartz (2002) e defendida por Uvinha (2011), estando implementada como um dos conteúdos das aulas de educação física escolar (FRANCO, TAHARA e DARIDO, 2018).

De acordo com Silva, Lazzarotti Filho e Antunes (2014) podemos denominar a prática corporal de aventura como o movimento corporal que vem sendo construído há tempos atrás através do convívio social, contendo toda uma técnica com características lúdicas, proporcionando formas que podem ser exploradas por meio das relações com os outros, destacando as emoções junto aos elementos da natureza, tornando-se uma oportunidade com novas situações de aprendizagem desenvolvidas sobre as experiências pouco vivenciadas diariamente e oportunizando a superação de limites e do risco controlado (FRANCO, TAHARA E DARIDO, 2018).

Isso por que as atividades de aventura esta entre os seis temas das unidades temáticas da educação física que é proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), podendo dar assistência a várias competências gerais para o Ensino Médio e que atualmente faz parte da Área de Linguagens e suas Tecnologias, e ainda assim evidenciando toda uma assistência no referido conteúdo da PCA (BRASIL, 2018).

Dentro da temática escolar, para a realização das praticas corporais de aventura são necessárias oito dimensões: a experimentação, o uso e apropriação, a fruição, a reflexão sobre a ação, a construção de valores, a análise, a compreensão e o protagonismo comunitário, pois irão contribuir para o desenvolvimento da

cooperação, da consciência ambiental, do lúdico e da motricidade, mas o professor necessita ter o domínio de todo o conteúdo da modalidade escolhida para que obtenha-se êxito (BRASIL, 2017).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2017) as práticas corporais de aventura são divididas em Urbanas que são vivenciadas no 6º e 7º ano e na natureza que são no 8º e 9º ano. Em seu conteúdo existem três tipos de modalidades: as que são praticadas na terra, como por exemplo: o caving (exploração de caverna); a corrida de orientação; o arvorismo; a escalada; o mountain bike (ciclismo de montanha); o parkour; o skate; o trekking (caminhada); temos também as praticadas no ar que são: asa delta; balonismo; bungee jump; paraglider ou parapente; paraquedismo; tirolesa; slackline; e por fim as modalidades da água que são: canoagem; mergulho; surf; stand up paddle; rafting; windsurf, práticas essas que precisam de equilíbrio.

Portanto, é de suma importância que esse método seja abordado nas escolas pois de acordo com Ajeje e colaboradores (2012, p. 41) as práticas corporais de aventura ocasionam diversas formas de sentimento, fazendo com que haja satisfação ao realizar as práticas e superação de qualquer obstáculo que venha surgir.

Temos como problematização da presente pesquisa a solução das dificuldades e os paradigmas no ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar, tendo como objetivo geral Identificar quais são as dificuldades apresentadas no ensino da prática corporal de aventura, onde também iremos estabelecer a importância de vivência dessas práticas através das pesquisas bibliográficas, analisar quais os paradigmas dessa área de ensino e propor soluções através de estudos para melhoria do ensino dessas práticas.

Tendo em vista que nas escolas quando o assunto é esportes o ensino proposto é o básico, esse estudo busca trazer o porquê de ser trabalhado nas escolas e também fala sobre as dificuldades apresentadas nas aulas de Educação Física, vendo que seria de suma importância esse método ser abordado nas escolas para a melhoria de vida dos alunos, tanto no âmbito escolar como na vida cotidiana fora da escola, tendo um melhor rendimento nas aulas, uma melhor concentração e um ensino mais enriquecido e completo.

Neimanm (2012) relata que para formar nossa experiência de vida através da prática de aventura existem 4 facetas que estão interligadas: a racionalidade que é

bastante requisitada e trabalhada pelo sistema de educação, indo da pré-escola até a universidade, outra faceta é o corpo e a saúde, que é onde as atividades de aventura é tratada diretamente com os movimentos corporais e o desenvolvimento da integridade do corpo, a outra é a emoção que está relacionada aos medos e aos sentimentos diversos, e por último é a dimensão espiritual pois é através desse que podemos nos conectar às outras pessoas e/ou lugares.

Habitualmente, busca-se apenas a dimensão da racionalidade, tanto na escola quanto nas demais atividades sociais. A PCA ocasiona diversas emoções que somam junto ao medo, a alegria, o prazer e a conquista do desafio, sabendo do controle do risco, que para poder realizar uma prática segura e satisfatória, as dimensões precisam estar em harmonia (AJEJE E COLABORADORES 2012, p. 41).

Também observar-se sobre o equilíbrio, que para Ajeje e colaboradores (2012, p. 41) é essencial para toda a humanidade, pois seria impossível a execução de algumas atividades sem o equilíbrio. Isso porque a PCA é mais discutida no âmbito do lazer do que quando relacionadas as temáticas da Educação Física escolar, tornando-se valioso a sistematização deste conhecimento no ambiente escolar.

Santos (2001) fala que existem dois tipos de equilíbrio: o estático que seria o que o indivíduo ficaria parado, sustentando-se, e o dinâmico que seria o que o indivíduo estabiliza os movimentos após uma situação instável consequentemente, é de suma importância aprimorar as capacidades das articulações de regressar ao estágio inicial, após executar um movimento instável, a postura dar-se pelo fato do indivíduo poder manter-se na postura e posição escolhida.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO.**

### **2.1. A prática corporal de aventura**

Desde dos primórdios praticavam-se atividade física no meio natural, onde poderiam desfrutar dos elementos naturais, tanto na terra, no ar ou no meio aquático, isso se dá desde do século XIX onde as práticas corporais de aventura eram

especificado como prática de lazer, isso por volta dos anos 70 (DIAS, 2009; PEREIRA; ARMBRUST, 2010; PEREIRA, 2013; SOUSA e ARAÚJO, 2016, p. 73).

A origem da palavra "Aventura" vem do latim *adventura* que quer dizer “o que está por vir”, dando um sentido de desconhecido e imprevisível, (FERREIRA 1989). Esse sentido está ligado a um primeiro momento de buscar algo que não é tangível, tornando-se assim um perfil aos praticantes das modalidades de esporte na natureza, principalmente aquelas onde a distância, o clima, o esforço físico, a privação e a incerteza estão presentes, onde observa-se o fato de estarem engajados na busca por uma vivência significativa e com o risco para viver experiências emocionais e radicais. As Práticas Corporais de Aventura (PCA) deve ser vista definitivamente assim com essa nomenclatura, pois assim evita-se que use esporte de aventura ou esporte radical, pelo fato de remeter a ideia de competição (SEVERINO, PEREIRA e SANTOS, 2016, p.116).

No período pós guerra mundial que foi onde surgiram as modalidades como: o snowboard, mountain bike, o voo livre, isso sem falar dos avanços tecnológicos de equipamentos, técnicas e concepções de modalidades. Nos dias atuais os campeonatos de PCA são transmitidos através das diversas mídias existentes no mundo sendo eles realizados tanto na natureza quanto nos ambientes urbanos. Outro ponto que podemos destacar é a grande conquista da inclusão das modalidades de Surf, Escalada e Skate na edição dos Jogos Olímpicos de Tóquio no ano de 2020 (FRANCO; TAHARA; DARIDO, 2018). Podemos ver que é uma ferramenta muito importante tanto na área da educação quanto para a sociedade, pois o esporte de aventura no ambiente escolar é desenvolvido de forma espontânea (RODRIGUES E DARIDO, 2006; TAHARA e DARIDO, 2014).

### **3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

O presente estudo foi elaborado através de Pesquisas Bibliográficas, que segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir de materiais já elaborados, como artigos científicos, revistas eletrônicas, livros e etc, fazendo-se necessário analisar as informações para descobrir incoerências utilizando fontes diversas, e utilizando com cautela para obter uma pesquisa bibliográfica com

qualidade, tendo a vantagem de permitir ao investigador utilizar uma ampla quantidade de dados, baseando-se diretamente das fontes encontradas.

As buscas foram realizadas nas bases de dados eletrônicos SCIELO, acessadas através do site de busca Google Acadêmico, tendo um caráter exploratório e descritivo com base nos dados dos artigos científico, dando continuidade as buscas em outras fontes de pesquisas. Foram utilizados os seguintes descritores: Ensino, Práticas corporais de aventura e Educação Física Escolar, onde foram utilizados, os operadores lógicos AND e OR, para auxiliar os descritores e os demais termos utilizados para localização dos artigos.

Fez-se a análise do material bibliográfico utilizado os artigos de maior relevância que atenderem aos seguintes critérios de inclusão: artigos publicados no período de 2010 até 2022, de língua portuguesa e inglesa. Os critérios de exclusão serão artigos que não estiverem dentro do recorte temporal e não tiverem relação direta com o tema pesquisado.

A etapa de coleta de dados foi realizada em três níveis, sendo eles: 1. Leitura exploratória do material selecionado (leitura rápida que objetiva verificar se as obras consultadas são de interesse do trabalho); 2. Leitura seletiva e sistemática (leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam) e 3. Registros das informações extraídas das fontes em instrumento específico. Em seguida, realizaremos uma leitura analítica com a finalidade de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que as etapas possibilitem a obtenção de respostas ao problema de pesquisa.

#### **4. RESULTADOS**

O presente estudo de revisão de literatura, intitulado Os paradigmas e as dificuldades do ensino das práticas corporais de aventura na Educação Física escolar, encontrou 2.364 estudos sobre a referida temática. Destes, apenas 03 contemplaram os critérios de inclusão previamente estabelecidos. Dados sobre os referidos estudos estão apresentados no quadro 1.

Quadro 1.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	INTERVENÇÃO	RESULTADOS
Tamires Alvarado de Freitas, Luiz Gustavo Bonatto Rufino, Alexander Klain Tahara, Suraya Cristina Darido, (2016)	Análise da implementação de um programa de práticas corporais de aventura (PCAs) nas aulas de Educação Física em uma escola.	Estudo qualitativo	Uma turma de 18 alunos, com faixa etária de 12 à 13 anos, do 7º ano do ensino fundamental.	Foi realizado numa escola pública estadual quatro encontros durante um mês, sendo cada um com duração de 80 minutos e a cada encontro era vivenciadas diferentes modalidades das PCAS.	Os alunos se mostraram bastante interessados e envolvidos com as atividades propostas, tendo sucesso entre eles.
Guiotti, Laleska Lopes, (2016)	Analisar as relações dos estudantes com as práticas corporais de aventura.	Estudo qualitativo	Uma turma de 1º ano do ensino médio, com 28 alunos, sendo a maioria mulheres	Foram realizadas numa instituição de ensino médio e técnico, durante 8 aulas, sendo 2 aulas por dia totalizando em uma 1 hora e 30 minutos.	O público feminino teve mais participação do que o masculino e ambos se agradaram da prática de aventura.
Melo, Gertrudes et. al. (2021)	Analisar a presença das PCA's enquanto conteúdo nos planos de	Estudo qualitativo	16 campus	Foram selecionados e analisados 129 planos de ensino	Constituem conteúdo pouco ofertado nas aulas de Educação Física, visto que se

	ensino da Educação Física no IFPB.			dentre os campus pesquisados.	identificou a ausência deste conteúdo em alguns campus.
--	------------------------------------	--	--	-------------------------------	---

O estudo de Freitas et. al. (2016) fala sobre a avaliação da implementação de um programa de práticas corporais de aventura na educação física escolar tendo muito haver com o assunto abordado, houve uma entrevista com o professor e um questionário com os alunos. Cada aula era dividida em 3 momentos para que pudessem vivenciar as modalidades dispostas (o parkour, o skate, a corrida de orientação e o surfe), a primeira parte foi mais teórica, com explicações e apresentação de vídeo sobre cada modalidade, a segunda parte foi a prática, onde houveram atividades adaptadas, e na terceira parte houve uma discussão para avaliar o que sentiram.

A implementação foi muito bem avaliada tanto pelos professores quanto pelos alunos, em porcentagens avaliativas dos alunos, a prática que mais gostaram foi a corrida de orientação com 56%, depois foi o parkour com 22%, o skate com 17% e por último o surfe com 5%. Cerca de 89 % dos alunos participantes, ou seja, a maioria dos estudantes relatou que é interessante e motivador terem este conteúdo nas aulas de Educação Física (FREITAS ET. AL., 2016).

A cerca da dificuldade foi questionado ao professor o por que de não aplicar esse conteúdo nas aulas e através de sua resposta pode-se observar que houve um déficit no seu processo de formação, pois durante sua graduação esse conteúdo foi pouco abordado. Retrata-se também a falta de infraestrutura e equipamentos de segurança na maioria das escolas, gerando uma grande necessidade de adaptação (FREITAS ET. AL., 2016).

No estudo de Guiotti, (2016) a instituição escolhida além de ter um ensino diferenciado, eles davam a liberdade de auto gestão para os alunos, onde os mesmos decidiam os horários de entrada e saída da hora do recreio. Foi realizado um questionário com os alunos, uma entrevista com o professor e uma apresentação do tema para melhor entendimento do que ia ser realizado.

Quanto ao questionário participaram 13 estudantes do sexo feminino e 9 do sexo masculino, o questionário foi dividido em 3 partes, a primeira foi a prática corporal dentro da escola, a segunda foi a prática corporal fora da escola e a terceira foi a prática corporal de aventura. Os alunos tiveram apenas o contato com dois conteúdos, o slackline e o parkour. Após as práticas os alunos foram ouvidos a cerca das opiniões sobre suas experiências e alguns questionamentos surgiram a respeito do risco que essas práticas trazem, sobre o espaço para a prática e o valor dos materiais necessários, mas nada que algumas adaptações e criatividade não possam melhorar (GUIOTTI, 2016).

Nesse estudo de Guiotti, (2016) houveram dois pontos, um positivo que conseguiu promover o desenvolvimento das técnicas e melhora do controle dos movimentos corporais dos estudantes e um negativo que a princípio era para trabalhar 4 conteúdos (slackline, parkour, tirolesa e rapel) porém por conta da grade escolar e a não cooperação do professor não foi possível vivenciar todos, só o slackline e o parkour.

No estudo de Melo, Gertrudes et. al. (2021) foi realizado buscas dos conteúdos referente as praticas corporais de aventura nos 16 campus do Instituto Federal da Paraiba (IFPB), sendo analisados 129 planos de ensino, dentre esses em alguns campus os conteúdos são trabalhados em todos os anos e em outros são trabalhados apenas em um dos 3 anos correspondentes ao ensino médio/técnico onde 07 dos 16 campus não possuem o conteúdo das práticas corporais de aventura, correspondendo a 43,75% dos campus constituintes do IFPB.

No campus Sousa o conteúdo é visto no 2º ano e Patos e Itabaina o conteúdo é visto no 3º ano os conteúdos só são vistos em apenas um momento do curso. Já os campus de Cajazeiras e Picuí se destacam pois há uma frequência em que as PCA's são abordadas, pode-se observar que o modo como o conteúdo é tratado mediante as disciplinas fica evidente as diferenças de ensino e a necessidade de ampliar as possibilidades para a aplicabilidade das práticas corporais de aventura (MELO, GERTRUDES ET. AL., 2021).

Esses três artigos tem relação um com o outro a respeito das dificuldades encontradas no ensino das práticas corporais de aventura no âmbito escolar e os benefícios que essa prática traz aos alunos. E a relação do primeiro artigo com o segundo é sobre a falta de recursos para as aulas e a formação do professor na área.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados pode-se concluir que é nítido que as práticas corporais de aventura é um tema pouco utilizado e sugerido pelos documentos oficiais dos Estados brasileiros, sendo possível comprovar por meio da análise das Propostas Curriculares Estaduais de Educação Física. As PCAs encarecem de mais estudos que possam possibilitar os professores diversas variáveis de abordar estes conteúdos no decorrer da prática pedagógica na escola.

Recomenda-se que os professores tenham mais determinação para aprofundar-se sobre o tema abordado, tendo cada vez mais apoio para realizar uma aula prazerosa a todos, trazendo ensinamentos e aprendizados, pois as práticas corporais de aventura trazem diversos benefícios a saúde, mudando o cotidiano e melhorando as habilidades psicomotoras.

## REFERÊNCIAS

AJEJE, Priscila Fernanda Ferreira Maia e colaboradores. Avaliação motora em crianças de 5 anos: um estudo sobre equilíbrio. **Coleção pesquisa em educação física**, v. 11, n. 2, 2012.

BARRETO, C. S. G.; REIS, M. B. F. Educação inclusiva: do paradigma da igualdade para o paradigma da diversidade. **Polyphonia**, Goiânia, v. 22, n. 1, p.19- 32, jan./jun. 2011.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n 1, p. 73- 81, 2002.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental: Temas transversais. Brasília, 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2017.

CARVALHO, Yara. As práticas corporais como práticas de saúde e de cuidado no contexto da promoção da saúde. 2010. Tese (Livre docência). **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (Orgs.). Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento. Maringá, PR: **EdUEM**, 2014.

FRANCO, L. C. P. Atividades Físicas de Aventura na Escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões dos conteúdos. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - **Universidade Estadual Paulista**, Rio Claro, 2008.

INACIO, Humberto Luis de Deus; CASTRO, Caroline; MACHADO, Lídia Ferreira. Práticas corporais de aventura [na natureza] na educação física escolar: uma experiência em escolas da rede municipal de Goiânia. **Revista Gymnasium**, v. especial, p. 103-104, 2015.

INACIO, Humberto Luis de Deus e colaboradores. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, v.28, p. 168-187, 2016.

LAZZAROTTI FILHO, Ari e colaboradores. O termo “práticas corporais” na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Movimento**, v.16, n. 1, jun., 2009.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes radicais de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Corpoconsciência**, v. 12, n. 1, jan./jun. 2008.

SANTOS, Rosângela Pires dos. *Psicomotricidade*. São Paulo: **IEditora**, 2001.10

SILVA, Ana Márcia; LAZZAROTTI FILHO, Ari; ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas corporais. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (Orgs.). **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2014.

SILVA, Ana Márcia e colaboradores. Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. In: FALCAO, José Luiz; SARAIVA, Maria do Carmo (Orgs.). *Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in)tensas experiências*. Florianópolis, SC: **Copiart**, 2009.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Proposta de unidade didática acerca das práticas corporais de aventura, trilhas interpretativas, educação física escolar e tecnologias de informação e comunicação (TIC). **Corpoconsciência**, v. 19, n. 2, p. 55-68, jul./ dez., 2014.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus primeiramente, a minha família e ao meu conjugue por ter me dado força nos momentos que eu precisei e toda essa força eu depositei em estudos e perseverei a cada dia, lutei e estou aqui honrando pelos apoios que foram me dado.

Ao meu orientador peço desculpas pelos incomodos e agradeço pela força nas correções, pela paciência e por ter me ajudado muito nas correções.

Aos meus amigos obrigado por estarem ao meu lado até o momento, nas diversões e nos deveres.